

COISAS  
DA

## VIDA

## PAVOR DO ESCURO

MUITOS ESPECTADORES DE FILMES DE TERROR LEVAM O MEDO  
PARA ALÉM DA FICÇÃO E O INCORPORAM AO COTIDIANO  
PÁGINA 3

## ESTILO NO FRIO

A RÚSSIA PROVOU QUE TAMBÉM LANÇA MODA EM DESFILES DE  
ALTA-COSTURA DURANTE A MOSCOW HIGH FASHION WEEK  
PÁGINA 5ELES ENCONTRAM ABRIGO EM UM PEDAÇO DE LONA, DORMEM EM CIMA DE PAPELÃO. COMEM O QUE TIVER. E SE  
TIVER. BANHEIRO É SINÔNIMO DE BEIRA DE LAGO. ESSA É A ROTINA CRUEL DE QUEM NÃO TEM ONDE MORAR

EDILSON VIVE NA COMERCIAL DA 115 NORTE E DIZ NÃO ENCONTRAR EMPREGO DEVIDO AO PRECONCEITO: "SOU NEGRO E MORO NA RUA"

## Da Redação

**P**are de reclamar da sua vida, de família, amigos, trabalho. Pare de reclamar de tudo. A situação pode parecer o pior possível, mas dificilmente será tão ruim quanto à de certas pessoas. Muita gente não tem emprego do qual reclamar, lugar para se esconder da chuva, fogão para cozinhar. Muita gente não sabe o que — ou se — comerá no dia seguinte. Assim é a vida de quem mora na rua.

As "casas" não têm teto, não têm paredes, não têm nada. Colchão para dormir é um luxo. Só quem teve a sorte de ganhar um não dorme no chão. A maioria fica mesmo é com o papelão. Travesseiro, então, nem se fala. E na hora de ir ao banheiro, como é que fica? Tem de fazer na rua mesmo, escondido no mato ou dentro de um lago. Se passar alguém, pode olhar. Fazer o quê? Muitos brasileiros vivem assim. Conheça alguns:

**NOME:** Edilson Martins  
**IDADE:** 22 anos  
**ONDE MORA:** comercial da 115 Norte  
**PROCELENCIA:** Emancipação, Bahia

Sobre o lugar de onde veio, Edilson afirma: "A situação lá é difícil, muito difícil". Por isso, veio para Brasília há quatro anos, já com esposa e um filho recém-nascido. Há dois anos, nasceu uma menina. Hoje, Edilson só vê a família nos fins de semana. Enquanto ele mora no Plano Piloto, sua mulher e seus filhos ficam na

casa de um amigo em Planaltina de Goiás. O sustento da família vem das duas atividades do baiano: vigiar carros e catar latinhas. Ele já tentou arranjar trabalho fixo várias vezes, mas não deu certo. "Não consegui emprego por causa da discriminação; por ser negro e morar na rua", conta. Ainda na Bahia, Edilson estudou até a quinta série do ensino básico. Largou a escola para morar em Brasília. Ao chegar, até tentou se matricular em uma escola, mas não havia vagas. O jeito foi ficar na rua. Hoje ele vive solto, sem posses. O que tinha, o GDF levou, segundo ele: "Eles chegam, me tem a mão e levam. Levaram até roupa do meu menino, não deixaram nada".

**NOME:** José Nilton  
**IDADE:** 33 anos  
**ONDE MORA:** Ponte do Brageto  
**PROCELENCIA:** Conceição do Píocó, Paraíba

José chegou a Brasília há quatro anos. Deixou a terra natal em busca de uma vida melhor. "Lá é fraco para trabalho, a gente não ganha nem R\$ 4 por dia", afirma. Dos cinco filhos que tem, quatro moram com a mãe em Goiânia e um está na cidade. Para ganhar dinheiro, José cata latinhas na rua e vende a um depósito da Asa Norte. Quanto ganha por mês, José não sabe. "Não dá para saber, eu não junto. Tenho que gastar para não passar fome", explica. Sua alimentação básica é a marmita que compra "quase todos os dias" por R\$ 2,50. Quando não compra, fica à mercê do destino. Se alguém passar e lhe der comi-

EU  
VIVO  
NA  
RUA

da, ele come. Caso contrário, passa fome. E frio, também. José não tem cobertor, muito menos colchão. "Durmo em cima do papelão", conta. Quando chove, a lona da barraca não protege — ele se abriga embaixo da ponte. A lona, aliás, foi levada pelo Centro de Desenvolvimento Social de Brasília (CDS). E agora, José?

**NOMES:** José da Silva e Maria da Conceição  
**IDADES:** 36 e 34 anos  
**ONDE MORAM:** Varjão  
**PROCELENCIA:** Aracá, Bahia

O casal de baianos chegou a Brasília há nove anos. Depois de muito tempo, José e Maria conquistaram alguns bens: em um barraco na invasão do Varjão, eles têm fogão, geladeira e uma cama. Mas frequentemente eles saem de casa e passam dias no Plano Piloto, dormindo embaixo de um pedaço de lona. "A gente vem para arranjar o que comer", explica Maria. Os cinco filhos, com idades entre 12 anos e 6 meses, vão junto. Para viver, a família de sete pessoas depende da boa vontade dos outros. José tinha uma carroça que usava para catar papel e latinhas, mas "o GDF queimou", segundo ele. "Era a nossa ferramenta de trabalho", lembra. Para tomar banho e lavar roupas, a família usa um córrego. Para fazer as necessidades, também. Para escovar os dentes, o casal e os cinco filhos dividem três escovas. Até terça-feira, José e Maria ficavam em frente ao Parque Ecológico da Asa Norte. Numa ação do CDS, a lona que os abrigava foi levada e eles foram retirados do local.

OPÇÃO PELA  
MENDICÂNCIA

O Centro de Desenvolvimento Social (CDS) é ligado à Secretaria de Estado e Ação Social do Distrito Federal. Na última terça-feira de manhã, funcionários a serviço da secretaria tomaram a lona de José Nilton e disseram que ele receberia ajuda para comprar passagens e voltar para Conceição do Píocó, como conta o paraibano. José da Silva, Maria da Conceição e as cinco crianças foram recolhidos do local em que ficavam, no fim da Asa Norte, e provavelmente levados de volta à invasão do Varjão, onde têm um barraco. As recentes ações do CDS são algo muito comum em todo fim de ano. Quando se aproxima o Natal, o número de pedintes nas ruas de Brasília aumenta. Aumenta também a vigilância da Secretaria de Estado e Ação Social, que encaminha as pessoas recolhidas ao Centro de Albergamento Conviver (Ceacon). Segundo o capitão Antônio de Souza, responsável pelo Ceacon, o local oferece três refeições diárias, acompanhamento médico, jurídico, remédios, roupas e passagens para qualquer estado do país. Mesmo assim, muita gente prefere a mendicância do que o Ceacon. Por pior que seja viver nas ruas, ainda é melhor do que passar fome no interior dos vários estados de onde vêm os migrantes.